



Era presídio, agora é biblioteca

Começou a funcionar no princípio do mês de fevereiro, em São Paulo, uma das mais modernas e inclusivas bibliotecas do país. Instalada em uma área de mais de 4 mil m², na Zona Norte, onde antes funcionava o presídio do Carandiru, a Biblioteca de São Paulo foi inaugurada com um acervo de cerca de 30 mil livros, 4 mil mídias digitais (CDs e DVDs), mil audiolivros, títulos em braile, *kindles* (aparelhos de leitura digital), completa hemeroteca e ainda uma verba anual de R\$1 milhão para a manutenção dessa coleção e aquisição de novas obras. “Essa é uma biblioteca voltada para o interesse do leitor. Não pretendemos ensinar nada; vamos dar o que ele quer”, declarou, quando da abertura, o secretário de estado da Cultura João Sayad.

Além de ouvir o usuário na hora de renovar o acervo, Adriana Ferrari, a bibliotecária idealizadora do espaço, comentou que a equipe estará sempre de olho nos boletins das editoras e nas notícias de jornais para acompanhar as novidades. No segundo andar da nova biblioteca, há, inclusive, dois *displays*: um para os “mais vendidos” e outro para os lançamentos. Tudo para conquistar permanentemente o leitor.

A biblioteca custou ao todo R\$12 milhões ao governo de São Paulo mais R\$ 5 milhões ao ano para a sua manutenção. A expectativa é de que passem pela nova biblioteca cerca de 1500 pessoas por dia para usufruir, com liberdade, de todo esse espaço. Segundo Adriana, a biblioteca vai dar asas à leitura: “nem os moradores de rua, que não podem apresentar um comprovante de residência para se cadastrar, ficarão de fora do círculo de empréstimos”, ela afirma.

No melhor estilo portas abertas, a nova biblioteca de São Paulo não cobrará multa caso o livro não seja devolvido no prazo, apenas prorrogará o prazo para novos empréstimos a partir das datas de empréstimos. Lá também não haverá tempo determinado para uso dos 100 computadores disponíveis: será tudo resolvido na base do diálogo.

Uma equipe multidisciplinar de 50 profissionais, sendo seis

bibliotecários, será comandada pela diretora Magda Montenegro. Alguns funcionários são treinados para comunicarem-se em Libras e atenderão aos deficientes auditivos.

Um auditório para mais de 100 pessoas será usado para dar cursos a profissionais das bibliotecas públicas municipais integrantes do Sistema Estadual de Bibliotecas, e como espaço para *workshops*, encontros, palestras e projeção de filmes para os frequentadores.

Segundo a bibliotecária Adriana, tão logo uma obra interessante seja lançada ela já estará nas prateleiras da Biblioteca de São Paulo.



Para Nêmera, do CFB, a inauguração da biblioteca onde antes funcionava um presídio tem um caráter superior a uma metáfora

Segundo a presidente do CFB, Nêmera Rodrigues, “a inauguração da Biblioteca de São Paulo, cujo local abrigou a Casa de Detenção do Carandiru, exprime mais do que um simbolismo metafórico. Representa antes de tudo a redenção. O Governo de São Paulo foi muito feliz na escolha do local, pois semeia a luz do conhecimento, onde antes havia a treva da maior das privações humanas que é a falta de liberdade. E o livro, a informação, enfim, a cultura oferece as chaves para a libertação de toda e qualquer prisão. Desde a prisão dos sentidos e dos movimentos, pois é um local que assegura a total acessibilidade, até a privação intelectual, disponibilizando as obras que poderão conduzir ao desenvolvimento pleno do ser humano. Somente a educação e a cultura são capazes de transformar e operacionalizar as mudanças necessárias para a evolução da sociedade. Sonhamos com o tempo em que todos os cárceres sejam substituídos por

espaços voltados para a busca do saber. Certamente, esse é um sonho. A sua realização está a cargo de todos nós que temos a capacidade de sonhá-lo e contribuir para torná-lo exequível”.

A biblioteca fica na avenida Cruzeiro do Sul, 2.630 – Santana, em São Paulo, com acesso pela estação Carandiru do metrô. Abre de 3^a a 6^a, das 9 às 21h, e aos sábados, domingos e feriados, das 9 às 19h.

Falta livro, sobra gente

Déficit de acervo em bibliotecas públicas de Curitiba pode chegar a 7,8 milhões de exemplares, apesar da boa posição nacional da cidade no ranking de instituições

Um milhão e duzentos mil livros. Uma montanha de páginas e páginas para serem descobertas, lidas, apreciadas e, o que é melhor, acessível a quem queira. O gigantesco acervo reunido pelas bibliotecas públicas de Curitiba, à primeira vista, poderia impressionar não fosse uma multidão de leitores em potencial maior ainda. A conta é simples: uma cidade com 1,8 milhão de habitantes e 1,2 milhão de exemplares disponíveis – uma média de 0,67 livro per capita.

Na cidade com o maior número de bibliotecas públicas per capita do país (uma a cada 26 mil pessoas) e reconhecida nacionalmente por ser uma capital cultural, faltam livros: não existe sequer um exemplar por habitante em unidades públicas – o levantamento feito pela reportagem levou em conta o acervo da Biblioteca Pública do Paraná, 45 Faróis do Saber, 81 bibliotecas escolares abertas à população, 10 bibliotecas municipais e duas Casas de Leituras, mantidas pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC).

A média de livros por habitante na capital pode ser preocupante, levando-se em conta parâmetros internacionais. O estudo *Guidelines for Public Libraries* (Orientações para Bibliotecas Públicas), elaborado pela Federação Internacional das Associações Bibliotecárias (Ifla, da sigla em inglês) em 2000 e reeditado em 2001, prevê que as bibliotecas públicas ofereçam, no mínimo, de 1,5 a 2,5 livros per capita. De acordo com a pesquisa conduzida pelo britânico Philip Gill, dois livros habitante seria um patamar adequado.

Como base na pesquisa da Ifla, para atender adequadamente sua população, Curitiba teria de contar com 3,6 milhões de livros em acervo de bibliotecas públicas, o que significa que a cidade, hoje, teria um déficit de 2,4 milhões de exemplares. Para a presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), Nêmera Rodrigues, a defasagem, porém, pode ser três vezes maior.

De acordo com Nêmera, a Ifla busca dar orientações que possam ser aplicadas em qualquer lugar do mundo. Baseando-se em estudos mais recentes e mais próximos, a expecta-

tiva para as cidades brasileiras é de atingir médias maiores. O parâmetro utilizado pelo CFB tem sido a Associação de Bibliotecários Americanos, que prevê que as bibliotecas escolares tenham, no mínimo, dez livros por estudante.

Readequando o padrão americano, o CFB recomenda que as bibliotecas escolares brasileiras ofereçam, no mínimo, quatro livros por estudante – um projeto de lei que tramita no Congresso Federal pode fazer com que essa média passe a ser obrigatória. Já, para a população em geral, a recomendação do CFB é que as instituições públicas tenham cinco livros por habitante.

Na proposta do CFB, o déficit de livros em Curitiba chegaria a 7,8 milhões de exemplares. “É um problema grave”, avalia Nêmera. “A biblioteca é um serviço público que deve estar preparado para atender as necessidades da população”, critica o antropólogo Felipe Lindoso, autor do livro *O Brasil pode ser um país de leitores?*

De acordo com a presidente do CFB, por menor que seja, o uso da biblioteca poderia ajudar a mudar a realidade de um povo. No Brasil, porém, um levantamento do Instituto Pró-Livro mostrou que 73% dos brasileiros não frequentam bibliotecas e, em todo país, existe uma unidade pública a cada 33 mil habitantes apenas – na Argentina, há uma para cada 17 mil pessoas e na França, uma para 2,5 mil.

O índice de leitura no Brasil é muito baixo. Enquanto o americano lê, em média, 11 livros por ano, e o francês, 7, o brasileiro tem lê apenas 1,3. Incluídas as obras didáticas e pedagógicas, o número sobe para 4,7.

O descaso com a leitura e, de quebra, com o espaço destinado aos livros, pode ter consequências sérias. De acordo com a Ifla, deixa-se de ganhar em educação, informação e desenvolvimento pessoal de jovens e adultos – os principais atributos das bibliotecas, segundo o estudo. “As bibliotecas são importantes instrumentos de cidadania e de desenvolvimento pessoal. Há também consequências econômicas”, avalia Lindoso. “As pessoas ficam sem capacidade de ir adiante, ter formação mais crítica. Aí reelegem os políticos corruptos e por aí vai”, opina Nêmera.

Gazeta do Povo - Themys Cabral